

DÍVIDA EXTERNA**Beza é conselheiro de Camdessus**

Funcionário do Fundo é chefe de Fajgenbaum e somente interfere em negociações difíceis

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Sterie (Ted) Beza, norte-americano, é um veterano funcionário do Fundo Monetário Internacional (FMI) e um dos chefes de departamento com a posição especial de conselheiro do diretor gerente, Michel Camdessus. Funcionalmente, ele é o chefe de José Fajgenbaum e Thomas Reichman. A decisão de enviá-lo ao Brasil pode ser explicada pela necessidade de apagar um incêndio. Normalmente, os diretores de departamento só se envolvem diretamente em negociações em casos extremamente complexos, com problemas políticos.

Embora seja uma figura afável e atenta a realidades políticas, Beza é considerado um fiel seguidor da ortodoxia. Ou seja, aceita sem ressalvas a tese de que a estabilidade econômica só pode ser alcançada mediante a aplicação de políticas de austeridade fiscal e monetária. Foi ele quem nomeou Fajgenbaum para chefiar a Divisão do Atlântico Sul.

Funcionários do Ministério da Economia que estiveram recentemente em Washington, preparando as negociações, saíram das conversas com a impressão de que Beza seria o principal entrave para o fechamento de um acordo negociado politicamente. A troca, a rigor, pode ser pior para o Brasil.

SILÊNCIO

Antes de decidir pela indicação de Ted Beza para chefiar a missão do FMI que está no Brasil, a direção do Fundo manteve-se silenciosa ontem sobre a controvérsia causada pelo pedido do presidente Fernando Collor para retirar do País o então chefe da missão negociadora da instituição, o economista argentino José Fajgenbaum. O diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, que participava desde o sábado de conferência no Novo México, retornou ontem a Washington e nada falou sobre o assunto. Até sua chegada, o próprio Beza, diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental do Fundo, concentrava todas as informações.

Um funcionário do Fundo chegou a usar a palavra "estupor" para descrever a reação de Beza e da hierarquia do FMI à declaração pública de Collor, sugerindo a retirada do alto funcionário. Para o Fundo, a nota de desmentido divulgada por Fajgenbaum quinta-feira traduzia a verdade e deveria ter sido suficiente para encerrar o episódio.

A decisão de Camdessus de enviar Beza ao Brasil foi complicada politicamente, já que o diretor gerente do Fundo acabou cedendo a uma pressão pública de um governo em relação ao qual ele tem um pé atrás desde setembro. Na ocasião, Camdessus aceitou os termos de um acordo com o Brasil apenas para ver suas mãos amarradas pelos ministros das Finanças do Grupo dos Sete, depois que o governo deixou de reiniciar os pagamentos dos juros da dívida, como ele pedira, anunciando que faria um "provisionamento de reservas" para pagamento futuro aos bancos.